

Profissão Educador Social - "PROFISSIONAL DO TRIÂNGULO"

Em tempo de reforma social, que temos vindo a vivenciar, há que enfatizar o papel que tem de assumir o Educador Social, enquanto agente de mudança.

Assim, nos mais diversificados contextos de intervenção, deste profissional, queremos particularizar a atenção para, a acção privilegiada que o Educador Social pode ter, junto de todos aqueles idosos que são marginalizados pela nossa sociedade. Sociedade essa, que de modo directo ou indirecto, tem "arranjado" mecanismos para não permitir a participação e intervenção desses mesmos idosos.

Com efeito, e segundo Alfredo Bruto da Costa (1998), *"o problema social dos idosos, é um dos mais graves problemas sociais, e a maior parte das soluções em vigor é insatisfatória e contribui para criar nas pessoas e na opinião pública, a ilusão de que o problema vem sendo resolvido"*.

Importa assim, reflectirmos sobre qual o contributo que o Educador Social pode dar, não só, na tentativa de melhorar a qualidade de vida dos idosos, como também de toda uma sociedade, tal como refere Corominas, *"compete à sociedade melhorar a qualidade de vida do indivíduo, aquando do seu envelhecimento"*.

Actualmente, vivemos numa sociedade, que bem se pode designar por "sociedade do espectáculo", onde, só cabem os cidadãos que mantenham um vínculo com o trabalho, e os que consigam exhibir-se de algum modo.

No que se refere ao trabalho, reside logo o grande problema para os idosos, pois com a chegada da reforma, deixam de ter vínculo com o trabalho, ou seja, deixam de "interessar" à sociedade.

Como assinala André Gortz *"o que nós chamamos trabalho é uma invenção da modernidade. A forma em que o conhecemos, o praticamos e o situamos no centro da vida individual e social foi inventada e logo generalizada com a revolução industrial(...) é então graças ao trabalho remunerado que adquirimos nossa condição de cidadãos, conseguimos uma existência e uma identidade social, estamos inseridos numa rede de relações e intercâmbios sociais"*.

Assim, podemos dizer que, na cultura ocidental, o trabalho, porque é muito valorizado, é fundamental para a integração social e obviamente também para a exclusão.

Com efeito, durante o período profissional é exigido comprometimento total com a profissão, por isso, a maior parte das pessoas vê-se privada de muitas actividades extra -profissionais. A sociedade impõe necessidade do desempenho da profissão, e essa mesma sociedade exige mais tarde a cessação dessa função.

Face a isto, podemos dizer com toda a legitimidade, que toda a actividade de uma vida, termina com a chegada da reforma.

No entanto, a reforma não deve ser sinónimo de inutilidade ou inactividade, antes pelo contrário, ela deve proporcionar ao indivíduo um tempo de repouso e de relaxamento, mas também de valorização pessoal.

Porém, se esse momento não for devidamente preparado, poderemos estar, isto é, estamos mesmo, perante um problema que tem grandes probabilidades de desencadear graves consequências a nível psicossocial.

No que concerne à exibição de algo, e face aos valores que predominam, os idosos também não têm nada para oferecer à "sociedade do espectáculo".

Assim sendo, sem trabalho e sem ocupação do tempo, os idosos tornam-se num grupo estigmatizado, com óbvias dificuldades de integração na sociedade, apesar da sua forte vontade de estarem integrados.

Talvez por "problemas de consciência social" a tal "sociedade do espectáculo" tenta arranjar umas (pseudo) soluções. Destas, destacamos algumas formas de ocupação do tempo, tais como, os "passeios para idosos", as "colónias de férias para idosos", o "campismo para idosos", o "turismo para idosos", e porque está na moda, qualquer dia o "big brother para idosos", que não são mais do que meras formas desestruturadas e pontuais produzidas pela "sociedade do espectáculo".

A este respeito, Alfredo Bruto da Costa(1998) afirma: *"quanto a essas actividades, é de notar que as mesmas tendem a agravar a «ghetização» dos idosos, ao desintegrá-los do resto da sociedade. Pondo-os a conviverem entre si, poderão atenuar a solidão, mas não proporcionam a possibilidade de conviverem com as outras idades, como é próprio da vida"*.

Enfim...

O que tenho a dizer, é que, é prioritário e mesmo imperioso que para os idosos exista uma ocupação em qualquer actividade que lhes dê prazer e os faça sentir úteis, pois, a falta de ocupação, tem efeitos nefastos sobre qualquer ser humano. No entanto, tais actividades têm que ser planificadas de um modo coerente e acima de tudo, enquadradas numa perspectiva humanista, e nunca, como têm sido, numa perspectiva de espectáculo, para a tal "sociedade do espectáculo", de tenho vindo a falar.

Há assim que ir contra à filosofia do individualismo que impera na nossa sociedade, na perspectiva de se recuperarem os sujeitos colectivos, de modo a caminhar-se para uma sociedade mais solidária. Então, é preciso mudar, e para isso, há que experimentar um pouco por toda a parte nas condições naturais, pois, a qualidade de vida dos idosos num futuro próximo, dependerá das mudanças na forma como a sociedade perceber e responder ao envelhecimento. Sociedade essa que, segundo Kofi Annan deve ser para todas as idades e longe de representar os idosos como doentes e aposentados, os deve considerar agentes e beneficiários do desenvolvimento.

Para isso, na minha perspectiva, há que ter em conta o triângulo, cujos vértices são: o trabalho, a reforma e as

ocupações.

O principal agente dinamizador desse mesmo triângulo, deve ser o Educador Social, profissional melhor apetrechado para ajudar a construir projectos de vida, que tendo em conta essas três vertentes, evitará a marginalização do ser humano, quando idoso. Período de vida em que ainda há muito para dar, pois:

- os idosos ensinam a simplicidade;

- os idosos ensinam a interdependência;

- os idosos, com a sua busca de companhia, desafiam uma sociedade em que os mais fracos são frequentemente abandonados a si mesmos, lembrando a natureza social do Homem e a sua necessidade de voltar a tecer a rede de relações interpessoais e sociais.

Corrigir assim a actual representação negativa da velhice é um compromisso cultural e educativo que deve envolver todas as gerações, e que necessita do "profissional do triângulo", que é, sem sombra de dúvida, o Educador Social, que emerge nos dias de hoje, para assim, de modo decisivo contribuir para a valorização do SER sobre o TER, permitindo assim, caminharmos da "sociedade do espectáculo" para a "sociedade da integração".

Paulo Gaspar
Universidade Portucalense